

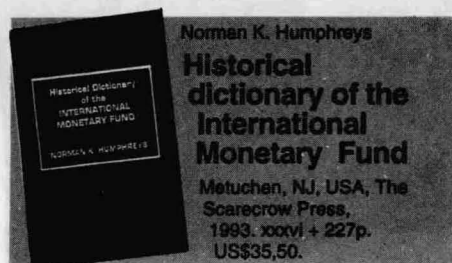
Todos os artigos do livro tratam de dois temas amplos. O primeiro é a filosofia pessoal de Soedjatmoko, filosofia de "receptividade, flexibilidade, contenção e compreensão". Soedjatmoko nutria uma saudável desconfiança com relação a ideologias, especialistas e soluções simples. O segundo tema é sua amplíssima visão de desenvolvimento, para ele "um processo de mudança social, um processo de transformação da alma e a adaptação criativa da cultura". Não é fácil caracterizar os escritos de Soedjatmoko em termos de disciplinas convencionais e assunto. Sua obra se destaca mais pela clareza com que expõe uma visão eclética de um mundo complexo.

Na visão de mundo de Soedjatmoko entram vários aspectos de desenvolvimento, bem como suas inter-relações, bem antes de se tornarem parte integrante do paradigma aceito. Quem lê hoje a obra de Soedjatmoko se impressiona com a atenção dedicada a questões como participação popular e governo, a força das novas tecnologias de informação e o gerenciamento do meio ambiente natural. Soedjatmoko sublinha, antes de tudo, que desenvolvimento é sinônimo de aprendizado. A edu-

cação dá a base para a participação e a tolerância. Contudo, Soedjatmoko fica frustrado com a incapacidade de os intelectuais dominarem suas próprias áreas — ciência social, humanidades e tecnologia — para resolverem problemas de desenvolvimento.

As obras de Soedjatmoko me fazem lamentar duas coisas. Primeiro, que muitas vezes ele próprio não tenha conseguido preencher a lacuna que separa a convicção intelectual da realidade política. Por causa disso, seu modo de ver é por vezes pessimista, concentrando-se no que deixou de ser feito e subvalorizando o progresso (bastante real) verificado nas áreas econômica e social em diversas partes do mundo em desenvolvimento. E por fim, repetindo um pensamento de Clifford Geertz, lamento também que Soedjatmoko tenha morrido antes de compilar ele próprio suas idéias. Caso as tivesse compilado, teríamos talvez novas maneiras de encarar os desafios que o mundo enfrenta hoje, nos anos 90.

Mark Baird



ções do FMI, de seus instrumentos, sua estrutura e sua reprovação idiossincrática dos conceitos econômicos — tudo isso dentro de uma perspectiva histórica bem definida (e felizmente bem referenciada).

No verbete *desvalorização*, por exemplo, Humphreys inclui o sistema de taxas cambiais fixas de Bretton Woods, o fracasso do sistema de Bretton Woods, a segunda emenda ao Convênio Constitutivo do FMI e o efeito dos acordos que substituíram o sistema de Bretton Woods sobre a capacidade de os países ajustarem suas taxas cambiais.

Constam também do *Dictionary* descrições sucintas dos departamentos do FMI; biografias resumidas de seus principais agentes e personalidades; histórias das relações do FMI com o Banco Mundial e com as Nações Unidas; um apêndice estatístico; e uma relação bibliográfica do que foi publicado acerca da história e da evolução do FMI, bem como da maioria das publicações do próprio FMI.

Os verbetes do dicionário vêm precedidos de uma indicação cronológica, que vai de 1º de julho de 1943 até 30 de junho

de 1993; e de uma introdução, que dá um panorama histórico e discute a evolução de importantes conceitos e operações do Fundo, como *condicionalidade* e *vigilância das políticas cambiais*.

O *Historical dictionary* de Humphreys mostra com clareza meio século de ocorrências econômicas internacionais. É da maior oportunidade o lançamento desta obra de referência tão útil às vésperas de as Instituições de Bretton Woods completarem 50 anos.

Sara Kane

“**Q**uem faz dicionários é um escravo inofensivo.” Assim Samuel Johnson, autor do monumental *Dictionary of the English language*, define a enorme carga de trabalho de um lexicógrafo. Mas ninguém poria em dúvida o valor da obra terminada. Em seu *Historical dictionary of the International Monetary Fund*, Norman Humphreys, redator-chefe no FMI de 1972 a 1986, certamente presta um valioso serviço. Humphreys reuniu fatos variados referentes ao Fundo Monetário Internacional, e juntou-os, sem usar jargões, a definições sucintas das opera-

Créditos: Artes da capa e das páginas 2 e 7: Eric Westbrook. Artes das páginas 10, 50, 51, 62 e 63: Mark Robinson. Artes das páginas 14 e 46: Lew Azzinaro. Artes das páginas 29, 30, 34, 36, 38, 42 e 59: Luisa Watson. Arte da página 56: Dale Glasgow. Fotos das páginas 66, 68, 69, 70, 71 e 72: Padraic Hughes-Reid. Fotos das páginas 29, 30, 34, 36, 38 e 42: Departamento de Secretaria do FMI.

BREVES resenhas

Michael M. Cernea e Scott E. Guggenheim

Anthropological approaches to resettlement

Policy, practice, and theory

Boulder, CO, USA, Westview Press, 1993. vii + 406p. US\$45.

Ao longo da história, as pessoas sempre se transferiram de um lugar para outro, onde novamente se estabeleceram. Mas é bem possível que os anos 80 fiquem na lembrança como “a década dos reassentamentos”, devido ao grande número de pessoas que tiveram de deixar suas casas, seus campos e suas comunidades e foram forçadas a refazer a vida em outros lugares. As migrações se deveram, em parte, a épocas de fome, guerras e falta de habitações. Mas outra de suas causas principais foi o número cada vez maior de grandes projetos de desenvolvimento (ver Reassentamento populacional e desenvolvimento, neste número). Não cessam de crescer as preocupações com os impactos

ambientais e sociais negativos; em muitas partes do mundo a resistência aos reassentamentos se organiza cada vez melhor, assim como se patenteia a necessidade de proteger os direitos e interesses daqueles que são mais afetados pelas migrações.

Os organizadores desta obra — M. Cernea, consultor sênior do Banco Mundial para políticas sociais e sociologia, e S. Guggenheim, antropólogo do Banco Mundial — oferecem o único resumo disponível, em todo o mundo, das diferentes abordagens do reassentamento. Os autores que colaboraram para a obra, representando nove países, estiveram profundamente engajados nas dimensões práticas do reassentamento, quer como pesquisadores de campo, quer como militantes, planejadores e analistas. O tema geral, como resumem os organizadores, é que o reassentamento só terá sucesso se “os instrumentos tradicionais do planejamento desenvolvimentista forem complementados pela pesquisa etnográfica e pela participação ativa das pessoas afetadas pelo reassentamento na elaboração do processo decisório”.